

Ainda sem data viagem de Bracher à Europa em busca de dinheiro novo

por Maria Clara R.M. do Prado
de Brasília

O Brasil precisa ameaçar US\$ 4 bilhões em empréstimos novos neste ano para equacionar suas necessidades de manter a economia em ritmo de crescimento e, ao mesmo tempo, sem comprometer ainda mais o nível das reservas internacionais do País com aquele objetivo em mente. O presidente do Banco Central (BC), Fernando Bracher, espera dar prosseguimento ainda neste mês aos contatos iniciados em janeiro com representantes da comunidade financeira norte-americana.

Desta vez, vai conversar com os principais interlocutores do mercado financeiro europeu e, conforme informou ontem a este jornal, não importa a origem do dinheiro novo. O País tentará garantir novos empréstimos seja de bancos privados estrangeiros, de agências multilaterais de empréstimo seja de agências financiadoras governamentais. A data da viagem à Europa ainda não foi marcada mas é certo que o presidente do BC leva consigo a disposição de explicar aos credores externos a atual situação da economia nacional: "Vamos conversar para ver a melhor maneira de equacionar nossas

necessidades", disse ele, mensurando estas "necessidades" em torno de US\$ 4 bilhões.

Este é um trabalho que o governo brasileiro desenvolve como iniciativa paralela às negociações que tenciona abrir junto ao comitê assessor da dívida externa na busca de reescalonar o pagamento de seus compromissos junto aos bancos privados. No entanto, a tarefa de convencer os mais diversos tipos de credores da necessidade de dinheiro novo neste ano não está totalmente desvinculada do processo de renegociação da dívida: o próprio Bracher admite que do sucesso da empreitada junto aos agentes de financiamento estrangeiros, em contato direto e pessoal, depende o rumo que tomará os termos da negociação da dívida.

As alternativas de proposta aos bancos estão em estudo avançado, conforme informou, mas não há ainda no governo brasileiro a perspectiva de quando finalmente o País se sentará à mesa com as instituições bancárias internacionais.

Enquanto isto, confia em obter dinheiro novo pelo menos das agências governamentais e dos organismos multinacionais de financiamento. Depois de muito tempo, o Brasil conseguiu assegurar até agora



Fernão Bracher

apenas US\$ 50 milhões de dinheiro novo que entrará no País sob a forma de financiamento de projeto elétrico com recursos do Fundo Nórdico — do qual fazem parte as agências dos países escandinavos. Segundo esclare o coordenador da Secretaria de Cooperação Econômica e Técnica Internacional (Subin), da Secretaria de Planejamento da Presidência da República, embaixador Luiz Felipe Lampréia, o empréstimo é considerado dinheiro novo porque entrará no País desatrelado da compra de equipamentos. Lembrou que os recursos liberados no ano passado, em pequenos montantes, por agências de crédito dos governos credores não representavam, na verdade, ingresso de novos empréstimos, já que todos pressupunham financiamento para a produção de máquinas e equipamentos que seriam importados pelo Brasil. "Por isto mesmo não faziam qualquer diferença em termos de caixa para o País", observou ele.

O próximo passo do cronograma no qual o governo vem trabalhando desde meados do ano passado é obter um financiamento de US\$ 300 milhões junto ao Eximbank japonês, também para aplicações em projetos de energia elétrica. Uma missão de técnicos japoneses chega ao Brasil no dia 9 de março, dando prosseguimento aos entendimentos. Uma outra

etapa prevê a obtenção de um empréstimo novo de US\$ 50 milhões do Fundo Saudita — atrelado ao governo da Arábia Saudita. Como os demais, é uma parcela que se soma à meta de garantir US\$ 700 milhões de fundos externos para ajudar a financiar o plano de expansão do sistema elétrico nacional e cuja participação do Banco Mundial está prevista em US\$ 300 milhões.

O Brasil mantém gestões junto ao Banco Mundial para garantir, neste ano de 1987, desembolsos de pelo menos US\$ 2 bilhões da parte daquele organismo para os mais diversos projetos setoriais, e isto sem contar os recursos que estão sendo negociados no bojo do plano do setor energético. "É o mínimo que queremos obter neste ano", disse o embaixador Lampréia, lembrando que o Banco Mundial desembolsou US\$ 1,550 bilhão para o País em 1986.

O governo se apressa de modo a que os novos empréstimos para projetos estejam referendados antes do final do ano fiscal da instituição que se encerra em junho. Por isto mesmo, o embaixador Felipe Lampréia viaja no próximo dia 16 para Washington.